

VIDEOPERFORMANCE CARA DE AUTISTA desmantelando o poder da história única

VIDEO PERFORMANCE CARA DE AUTISTA (FACE OF AN AUTISTIC PERSON)

dismantling the power of the single narrative

204

Araís Bernardo Jacinto de Araújo

Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)

ORCID:

DOI: 10.21680/2595-4024.2025v8n2ID40410

Resumo:

O relato de experiência apresenta a vídeoperformance "*Cara de Autista*", a partir de um fragmento de um processo autobiográfico do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "*Um autista em cena: memórias de processos performativos*", realizado em 2023 e defendido em 2024 no curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina. A vídeoperformance questiona os estereótipos sobre o autismo, que contribuem diretamente para a estigmatização de pessoas autistas. A partir da crítica ao conceito de "história única", proposto por Chimamanda Adichie, reflito sobre como narrativas hegemônicas invisibilizam a diversidade dentro do espectro autista.

Palavras-chave: vídeoperformance, autismo, memória.

Abstract:

This experience report presents the video performance "Cara de Autista" (Autistic Face), based on an excerpt from an autobiographical process from the Final Course Project entitled "Um autista em cena: memórias de processos performativos" (An autistic person on stage: memories of performative processes), carried out in 2023 and defended in 2024 in the Performing Arts course at the Federal University of Santa Catarina. The video performance questions stereotypes about autism, which directly contribute to the stigmatization of autistic people. Based on Chimamanda Adichie's critique of the concept of the "single story," I reflect on how hegemonic narratives render diversity within the autism spectrum invisible.

Keywords: video performance, autism, memory.

Introdução

A história única cria estereótipos e o problema com estereótipos não é que eles sejam mentiras, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história, se torne a única história.
Chimamanda Ngozi Adichie

205

Com licença, respeito e admiração, começo a escrita a partir da contribuição da pesquisadora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019), que nos convida a refletir sobre o perigo de uma história única, contada a partir de um sujeito universal, e aqui enfatizo o sujeito, no singular. É com essa preocupação do perigo da história única, que traz consequências no imaginário social sobre pessoas autistas, que me questiono: Quais narrativas têm sido historicamente contadas sobre pessoas autistas? Quais corpos são colocados como centrais na história do autismo? Quem define o que é o autismo? Quem conta essa história? Quais vidas são patologizadas? Quais são vistas como extraordinárias? Quem é o louco e quem é o gênio?

Nessa breve partilha, não tenho a pretensão de responder superficialmente, e imediatamente a todas essas perguntas, visto que responderia a partir de apenas um relato, um corpo. Essas perguntas surgem como disparadores de reflexões, em um convite coletivo para aguçar a criticidade e curiosidade que nos revelam mais potentes que respostas simplistas.

Afinal, como bem pontua Audre Lorde (2019), “as ferramentas do senhor nunca desmontarão a casa-grande”. Partindo dessa premissa, meu trabalho posiciona-se contra o olhar universalizante sobre o autismo, entendendo-o justamente como uma das ferramentas do modelo opressor que busca enquadrar, definir e patologizar pessoas autistas. Ao invés de utilizar desses instrumentos, a videoperformance que apresento busca constituir uma nova ferramenta de narrativa, forjada a partir de uma experiência interna, mas que se encontra no coletivo plural, para desconstruir as estruturas colonizadoras que nos oprimem.

Este é um relato de experiência e um fragmento revisado do meu Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em 2023 e intitulado “Um autista em cena: memórias de processos performativos”, no curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como resultado da disciplina Processos Criativos em Performance, orientada pela professora Gabriela Canale Miola. A partir desse contexto, o objetivo aqui é compartilhar a experiência vivida enquanto autista-artista-pesquisador no campo das artes cênicas, contribuindo, assim, para a ampliação de outras narrativas, para além das hegemônicas sobre o que significa ser autista.

Cara pessoa típica...

A vídeoperformance ocupa um lugar próprio na intersecção entre o efêmero da ação e a permanência do registro, caracterizando-se como uma fusão entre o corpo performático e as tecnologias audiovisuais. Seguindo o pensamento do artista multimídia Wayner Tristão Gonçalves (2018), compreende-se este gênero por seu caráter dual e paradoxal: ele “plasma o tempo e o real” apreendido no momento, ao mesmo tempo que constrói uma “significação poética” autônoma (Gonçalves, 2018, p. 540). É nesse segundo eixo, o da criação de uma nova obra, que se insere o presente processo criativo. Longe de ser um registro documental de um acontecimento ao vivo, “Cara de Autista” é a construção do próprio acontecimento em si, concebido desde sua origem para existir como vídeo-performance.

Motivado pela urgência em abordar questões acerca do estereótipo de uma suposta forma de ser autista, a vídeoperformance “Cara de Autista” surge como um manifesto-relato de um corpo fatigado pela necessidade constante em educar pessoas típicas sobre as diversas e singulares realidades que permeiam a vida de pessoas autistas.

Quando compreendemos o autismo¹ como um espectro, tanto pelo paradigma

¹A neurocientista e uma das pioneiras da pesquisa sobre neurodiversidade Nick Walker, vai definir o

da neurodiversidade (Walker, 2021), quanto pela definição do DSM-V (APA, 2022) como é formulado hoje, compreendemos uma ampla diversidade de características e comportamentos, a depender de diversos fatores sociais, econômicos e relacionais. O que por si só, invalidaria qualquer noção uniforme de como seria a "cara de um autista". Apesar disso, o que vemos são pessoas autistas frequentemente sendo categorizadas e sujeitadas a conceitos fixos entre normalidade e não-normalidade.

Essa "cara de autista" não seria, afinal, o rosto de cada pessoa que é autista? E assim teriam então, várias caras de autistas? Sinceramente, na primeira vez que ouvi essa expressão, essa me pareceu a resposta mais óbvia. No entanto, ao refletir sobre as formas como o capacitismo² opera, percebi que compreender a expressão gera mais perguntas do que respostas. Perceba, tentar definir o autismo, que se relaciona diretamente com o neurodesenvolvimento, com base em características físicas, revela uma lógica enraizada em preconceitos. Uma lógica que insiste em visibilizar apenas determinados corpos, silenciando outros.

Segundo a pesquisa de Vitória Passos Miranda (2023) muitos dos primeiros estudos do autismo focaram em meninos cisgêneros, fazendo com o autismo ficasse conhecido como um "transtorno de menino", surgindo assim lacunas na investigação do diagnóstico de pessoas socializadas enquanto mulheres, na maioria das vezes resultando em subdiagnósticos.

"autismo [como] uma variação neurológica humana baseada geneticamente. O conjunto complexo de características inter relacionadas que distinguem a neurologia autista, da neurologia não autista ainda não é totalmente compreendido, mas as evidências atuais indicam que a distinção central é que os cérebros autistas são caracterizados por níveis particularmente altos de conectividade sináptica e responsividade. Isso tende a tornar a experiência subjetiva do indivíduo autista mais intensa e caótica do que a de indivíduos não-autistas: tanto nos níveis sensorio motor quanto cognitivo, a mente autista tende a registrar mais informações, e o impacto de cada pedaço de informação tende a ser tanto mais forte quanto menos previsível" (2021, p.47).

²O capacitismo é o termo escolhido pelos ativistas da deficiência do Brasil e de outros países para nomear o preconceito e a discriminação experienciados por pessoas com deficiência. Esse é conceituado com base em Fiona Campbell, uma mulher com deficiência, como "uma rede de crenças, processos e práticas que produz um determinado tipo de eu e de corpo (o padrão corporal) que é projetado como perfeito, típico da espécie e, portanto, essencial e totalmente humano" (Lorandi e Gesser, 2023, p.4).

Uma das consequências da criação desse imaginário social são as representações audiovisuais, que retratam predominantemente a figura de crianças ou homens brancos, cisgêneros, de classe média e superdotados. Um exemplo notável é a famosa série estadunidense *Good Doctor*, criada por David Shore, que apresenta de maneira estereotipada como seria a vida de um médico autista.

Essa visão presente na literatura e perpetuada pela mídia impacta profundamente o senso comum, refletindo diretamente no cotidiano de uma pessoa autista que não se encaixa nos estereótipos criados. A frase "você não tem cara de autista", por exemplo, revela como essa ideia fixa e reducionista se internaliza nas camadas sociais, ignorando a diversidade de pessoas autistas.

A "cara de autista" é também frequentemente associada à infância, não só pela negligência sobre a diversidade das experiências autistas, atravessadas por raça, gênero, sexualidade, classe e território, mas também com a falsa ideia de que pessoas autistas não se tornam adultas. Essa noção contribui para a negação de nossos desejos em diferentes dimensões da vida adulta e para o apagamento das nossas necessidades de suporte e cuidado ao longo da vida.

Parte desse imaginário se origina no próprio processo de nomeação do autismo, que teve, em partes, início em 1943, com o psiquiatra Leo Kanner. O médico observou características semelhantes em onze crianças, e um ano depois da publicação de seu artigo, foi introduzido nos manuais psiquiátricos o quadro "Autismo Infantil Precoce" (Côrtes e Albuquerque, 2020), além de outros médicos³ que se atentaram restritamente a como o autismo funcionava em crianças.

Mas, seria essa a única história do autismo? Se estamos falando de um espectro, de uma diversidade de vivências; como podemos limitar a existência de pessoas autistas a uma única narrativa, a um único sujeito? Esse é justamente o perigo da história única que Adichie (2019) nos alerta: quando apenas uma versão é

³Recomenda-se a leitura do artigo que traz a pesquisa da autista Nicolau et al. (2025) para a compreensão sobre a história da colonização do autismo. Neste artigo encontra-se a descrição histórica dos médicos que contribuíram para a patologização de pessoas autistas.

contada, tantas outras são deslegitimadas, silenciadas, e passam a parecer inexistentes nos imaginários sociais. Em alguns casos, chegam até a serem vistas como desprovidas de humanidade, sob um olhar colonizador. Trata-se de um apagamento de vidas.

Adoto o termo “Cara de Autista” como um gesto provocativo e desestabilizador. Esta escolha emerge de um corpo-lugar: o de uma pessoa transmasculina, branca e periférica, autista de suporte nível 1 e que convive com dor e fadiga crônicas. Me localizo nestas interseccionalidades, sem, contudo, reduzir-me a estes recortes

Meu objetivo é questionar e desafiar a ideia preconcebida de que existe uma aparência e uma identidade restritas e fixas associadas ao autismo. De propósito, coloco minha própria imagem em foco, com um fundo preto que a destaca ainda mais. Tenciono o olhar das pessoas, para que elas compreendam que o autismo não possui um rosto padrão, que não pode ser definido por características físicas e que é impossível julgar se alguém é ou não autista apenas pela aparência e em um contato isolado, sem compreender o contexto que aquele corpo habita.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2023.

Descrição da Imagem: A fotografia, em preto e branco, centraliza Araís Bernardo, uma pessoa transmasculina, branca, de cabelos escuros, curtos e cacheados. Ele veste uma camisa longa e estampada com rostos repetidos de um bebê branco. Em sua mão esquerda, segura uma colher com cabo branco, na qual se lê a escrita "autista", e está olhando diretamente para a câmera. O fundo da imagem é uma parede preta. Fim da descrição.

Compartilho também uma experiência que permeou toda a minha vida: o *masking*, termo popularizado entre a comunidade neurodivergente⁴ que significa mascaramento. O *masking* é o esforço para parecer "normal", ocultando muitas vezes estereótipias, características autistas e tudo o que poderia destacar aquele corpo como diferente em situações sociais.

O mascaramento é uma estratégia de defesa desenvolvida de forma consciente ou inconsciente por algumas pessoas autistas para lidar com as demandas sociais e assim camuflar suas características. Porém, ele demanda muita de nossa energia e pode nos levar a crises intensas, muitas vezes resultando na perda de nossa identidade e negligência de nossas próprias necessidades de suporte.

⁴Neurodivergente é um termo que contempla pessoas que divergem das normas dominantes de funcionamento neurocognitivo, como pessoas autistas, disléxicas, com TDAH e diversas possibilidades de diversidade neurológica (Walker, 2021).



Fonte:Acervo pessoal do autor, 2023

Descrição da Imagem: Araís Bernardo se mantém no mesmo cenário da fotografia anterior. Nesta foto, ele segura uma máscara sem expressão com a mão esquerda, perto do rosto. Ele inclina a cabeça, levanta o braço direito, num movimento que pode ser tanto de colocar quanto de tirar a máscara. Fim da descrição.

Antes de chegar na videoperformance como linguagem, o conceito inicial era criar uma série de fotoperformances, evidenciando minha jornada com a camuflagem de minhas características. A máscara foi o ponto central, simbolizando as tentativas árduas de me moldar em um mundo feito para neurotípicos. Também, inclui outros elementos como um pano preto e um plástico transparente, remetendo às diferentes formas de mascaramento, brincando com os materiais e texturas que tinha acesso no momento.

O pano preto, ao envolver meu rosto por completo, visava anular minha propriocepção e descaracterizar meu rosto, representando a dissociação que o mascaramento recorrente pode provocar. Em contrapartida, o plástico transparente atuava como uma metáfora mais sutil e falha: ao deixar partes de mim visíveis e ao mesmo tempo distorcê-las, ele materializava aqueles momentos em que, apesar de

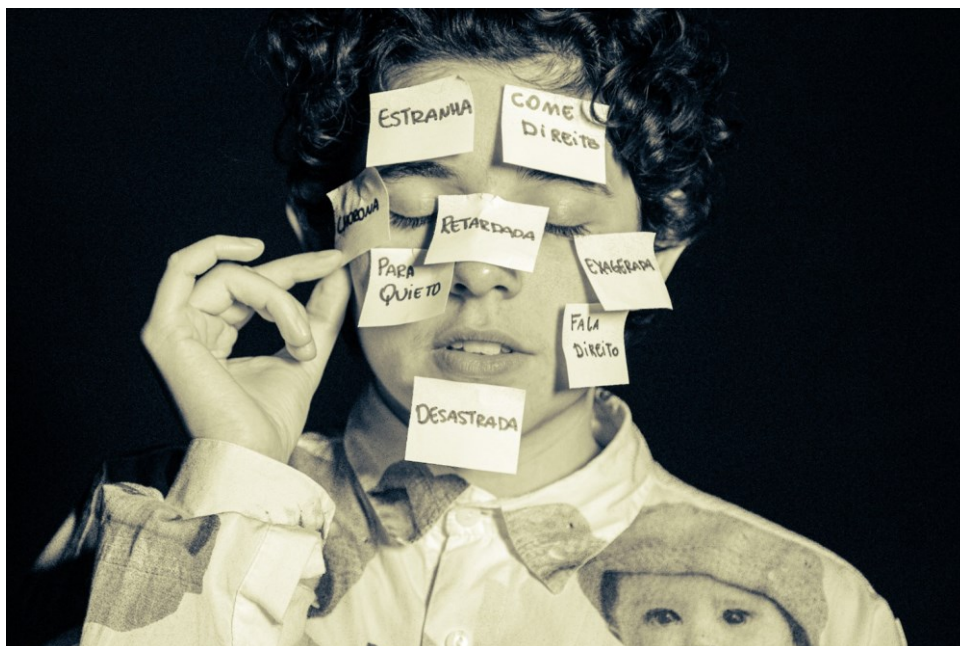
todos os esforços para me adequar, a minha neurodivergência ainda transparecia e era percebida como um “desequilíbrio”.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2023

Descrição da Imagem: Araís Bernardo está mais próximo da câmera e olhando diretamente para ela e um saco plástico transparente cobre sua cabeça. Fim da descrição.

Outro elemento que surgiu durante o processo criativo foi a inclusão de post-its em meu rosto contendo adjetivos violentos que ouvi ao longo da minha vida, o que foi fator determinante para a criação do *masking* como forma de proteção. Esses adjetivos deixaram uma marca inapagável na minha história, evocando memórias de traumas, bullying e preconceitos pelos quais passei simplesmente por ser quem sou. Optei por escrever no feminino, pois o ato de remover esses papéis do meu rosto e, por fim, rasgar o último que resta, constitui também a rejeição da imposição normativa sexo-gênero. É uma forma sutil de afirmar que não aceito mais ser referido no pronome feminino e que ser socializado para ser mulher nunca coube no meu corpo.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2023

Descrição da Imagem: Nessa imagem Araís Bernardo se aproxima da câmera, seus olhos estão fechados, diversos pedaços de papéis colados em seu rosto e sua mão se aproxima para descolar os papéis. Os escritos são “Estranha”, “Come direito”, “Exagerada”, “Fala direito”, “Para quieto”, “Desastrada”, “Retardada”. Fim da descrição.

As fotoperformances foram realizadas no estúdio do LabCine, laboratório vinculado ao curso de Cinema da UFSC. O técnico do laboratório, Guel Varal, desempenhou um papel importante neste processo, orientando-nos e explicando sobre os equipamentos mais adequados para a execução das fotoperformances. Conteí, ainda, com a colaboração da bolsista do laboratório, Larissa Pione, responsável pelo apoio no manuseio dos equipamentos. Na execução também recebi, a orientação de Gabriela Canale, e a assistência de direção fotográfica de Anna Pacheco.

Em relação à edição das fotoperformances, conteí com a edição fotográfica do fotógrafo Luan Franco. A edição do áudio e da videoperformance foi realizada por mim. Os áudios foram gravados no LabSom, laboratório de som vinculado ao Departamento de Artes da UFSC e as legendas contaram com o apoio do artista Gita

Itajahy.

E, como a ideia inicial de fotoperformances se transformou em uma videoperformance? Essa transformação foi resultado de uma situação capacitista que me atravessou, fazendo com que eu refletisse sobre a pesquisa e consequentemente encontrasse, na videoperformance, um novo caminho de manifesto-desabafo.

214

O relato que acompanha a videoperformance nasceu a partir dessa experiência marcada pelo capacitismo, desencadeada, justamente, pela estigmatização da “cara de autista”. No mesmo período, em que ainda estava elaborando a proposta das fotoperformances, em uma conversa, fui questionado sobre o meu autismo por alguém que pouco me conhecia. A pessoa afirmou que eu “não parecia ser autista” e outros comentários que enfatizavam a ignorância da pessoa em relação ao espectro autista. Senti uma mistura de frustração e impotência. Primeiro por não ser a primeira vez que escuto isso, e segundo por que quis responder, tentar me expressar e trazer inúmeros apontamentos, mas, fiquei atônito, travado. Não consegui dizer uma única palavra.

Após dias de silêncio e remoendo cada palavra escutada, decidi finalmente exprimir tudo o que desejava dizer àquela pessoa, comecei a escrever como se estivesse falando diretamente com ela. Terminei e fiquei encarando o texto e imaginando como seria a aproximação do que relatei com as fotoperformances. Assim, decidi inserir o desabafo com as fotos e transformar em um vídeo, iniciando com as palavras “Cara pessoa típica”, para enfatizar que minha resposta é exatamente para aqueles que se julgam no direito de abordar uma pessoa autista e duvidar da sua vivência.

Então não, então não, eu não aceito. Eu não aceito que você, uma pessoa não autista, mesmo que conheça, trabalhe, estude ou tenha na família outras pessoas autistas do mesmo ou de outros níveis de suporte, venha me dizer que eu não tenho cara de autista, ou vá dizer para qualquer outra autista que ele não é autista, por algo que você viu e pressupôs na sua possível mente capacitista. Pare de invalidar outras vivências que não são a sua, você não conhece os autismoS, você conhece um autista (Araújo, 2023).

Ainda sobre a questão de desconsiderar outras vivências no espectro autista, o meu texto também traz referência a outras experiências, que são inclusive diferentes da minha, mas tão negligenciadas e apagadas quanto, mesmo que por outros recortes.

Mas será que você me compreenderia? Será que você entenderia outras vivências autistas, inclusive além da minha? Estaria disposta a entender que autistas pretos existem? Que existem autistas trans, periféricos, não verbais, indígenas, pessoas autistas, autistas, que fogem ao estereótipo criado por você, neurotípico (Araújo, 2023).

Minha manifestação oral estabelece um diálogo intrínseco com as apresentações visuais presentes nas imagens. Conforme o texto acontece em off, coloco em frames a ação de retirar as máscaras e os post-its de uma maneira que manifesta a retirada dessas normas sobre o meu corpo. Outro elemento que apresento, são as colheres, trazendo referência a minha performance *Teoria das Colheres*⁵, inspirada no texto homônimo de Cristiane Miserandino (2003), que fez parte da minha apresentação final para disciplina de Processos Criativos em Performance, demonstrando a fadiga constante que vivencio.

Ao final da videoperformance, apresento dados necessários sobre a realidade das pessoas autistas, como o da *Autism Research*, revista médica da Sociedade Internacional de Pesquisa em Autismo, apontando que o índice de suicídios entre nossa comunidade pode ser 10 vezes maior em comparação com pessoas não autistas (Jornal Estado De Minas, 2023). Concluo com a frase histórica da luta das pessoas com deficiência, adotada em 1986 pela organização não governamental de "Pessoas com Deficiência da África do sul": "Nada sobre nós, sem nós" (Sasaki, 2007). Deixando explícito o meu compromisso com nossa luta, honrando aqueles que

⁵Cristiane Miserandino é uma escritora que convive com lúpus. Em seu texto "Teoria da Colher" de 2003, ela cria uma metáfora para retratar a diferença entre o gasto energético diário de uma pessoa com doença crônica e o de uma pessoa sem essa condição. Depois de alguns anos, o movimento de pessoas neurodivergentes e com deficiência apropriou-se dessa metáfora para também ilustrar a realidade dessas vivências.

vieram antes, e garantindo que as decisões que nos afetam sejam feitas somente se houver a nossa participação ativa.

NADA quer dizer “Nenhum resultado”: lei, política pública, programa, serviço, projeto, campanha, financiamento, edificação, aparelho, equipamento, utensílio, sistema, estratégia, benefício etc. Cada um destes resultados se localiza em um dos (ou mais de um dos ou todos os) campos de atividade como, por exemplo, educação, trabalho, saúde, reabilitação, transporte, lazer, recreação, esportes, turismo, cultura, artes, religião.

SOBRE NÓS, ou seja, “a respeito das pessoas com deficiência”. Estas pessoas são de qualquer etnia, raça, gênero, idade, nacionalidade, naturalidade etc., e a deficiência pode ser física, intelectual, visual, auditiva, psicossocial ou múltipla.

Segue-se uma vírgula (com função de elipse, uma figura de linguagem que substitui uma locução verbal) que, neste caso, substitui a expressão “haverá de ser gerado”.

SEM NÓS, ou seja, “sem a plena participação das próprias pessoas com deficiência”. Esta participação, individual ou coletiva, mediante qualquer meio de comunicação, deverá ocorrer em todas as etapas do processo de geração dos resultados acima referidos. As principais etapas são: a elaboração, o refinamento, o acabamento, a implementação, o monitoramento, a avaliação e o contínuo aperfeiçoamento (Sassaki, 2007, pg.1).

Com base na explicação de Romeu Kazumi Sassaki (2007), considerado um dos precursores na discussão sobre acessibilidade para pessoas com deficiência, surge um apontamento que precisa ser constantemente reforçado: o protagonismo DEF. A máxima “Nada sobre nós, sem nós” nasce de um contexto que, historicamente, postulou pessoas com deficiência como incapazes de fazer suas próprias escolhas, tomar suas decisões e consequentemente traçar os rumos de sua própria luta. Protagonizar, portanto, é rejeitar o lugar de objeto do discurso para assumir o agenciamento da própria narrativa, assegurando que a participação plena, em todas as etapas, seja a base de qualquer resultado que nos diga respeito.

Foi essa fronteira tensa entre o político-coletivo e o pessoal-indizível que minha vídeoperformance buscou habitar. Todo esse processo criativo foi desafiador, pois exigiu que eu expusesse o íntimo dos meus sentimentos, o que, por si só, já é uma tarefa difícil, especialmente considerando que meu modo de compreender e elaborar emoções é divergente do que geralmente se espera. Ainda assim, essa

exposição teve um valor imenso: permitiu-me acessar partes de mim que estavam reprimidas há anos, reafirmar minha existência sem medo do julgamento e, sobretudo, me reconhecer.

Se reconhecer me fez entender, na própria pele, que necessitar de suporte não é uma falha, mas uma condição da experiência humana. Portanto, necessitar de mais suporte por conta das barreiras que enfrento não me faz quebradiço, me revela humano. Da mesma forma, reforçar minhas potencialidades não anula minha necessidade de cuidado. Reivindico o direito ao cuidado e ao suporte como parte fundamental para todas as vidas, sem hierarquização, mas com a consciência das complexidades que cada cuidado necessita.

Essa criação foi uma oportunidade de compartilhar uma entre tantas vivências possíveis do espectro autista, e de dizer, com firmeza, que pessoas com experiências semelhantes à minha não estão sozinhas. Nós existimos. Somos diversos. E é justamente essa diversidade que nos potencializa, não que nos incapacita, mesmo diante das dificuldades e das necessidades de cuidado.

Finalizo minha partilha, com a esperança de que minha escrita e pesquisa possam contribuir para abrir, metaforicamente, frestas de sol em dias frios. Ou seja, mesmo diante de cenários difíceis, que possamos enxergar as possibilidades de traçar novos caminhos, movimentar reflexões e contribuir para a visibilidade de histórias vivas sobre a diversidade de ser autista. Que cada semelhante meu possa ser sentir livre e pertencente para autistar nesse mundo.



Qr-Code da Videoperformance Cara de Autista de Araís Bernardo, 2023.

O link encontra-se nas Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ARAÚJO, Araís Bernardo Jacinto. *Videoperformance Cara de Autista de Araís Bernardo*. YouTube, 19 de julho de 2024. Disponível em: <https://youtu.be/zWZ85yMostk>. Acesso em: 2 out. 2025.

CÔRTEZ, Maria do Socorro Mendes; ALBUQUERQUE, Alessandra Rocha de. Contribuições para o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista: de Kanner ao DSM-V. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, Brasília, ano III, v. 3, n. 7, p. 1-14, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.5281/zenodo.4678838>. Acesso em: 5 jun. 2025.

GONÇALVES, Wayner Tristão. A vídeo-performance como imagem autônoma. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL, 2., 2018, Goiânia. *Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 534-543.

JORNAL ESTADO DE MINAS. *Índice de suicídio pode ser até 10 vezes maior entre pessoas com autismo*. 15 set. 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2023/09/15/interna_bem_viver,1561802/indice-de-suicidio-pode-ser-ate-10-

[vezes-maior-entre-pessoas-com-autismo.shtml](#). Acesso em: 2 out.2025

LORANDI, Joana Milan; GESSER, Marivete. *A produção científica sobre o capacitismo no ensino superior: uma revisão integrativa de literatura*. Revista Educação Especial [Online], v. 36, 2023.

LORDE, Audre. “As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande”. In: LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MIRANDA, Vitória Passos. *Como estereótipos de gênero afetam o subdiagnóstico de meninas e mulheres autistas*, 2023.

MISERANDINO, Christine. *The Spoon Theory*. 2003. Disponível em: <https://butyoudontlooksick.com/articles/written-by-christine/the-spoon-theory/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

NICOLAU, Giovanna; GESSER, Marivete; MORAES, Marcia Oliveira. A história da colonização do autismo. *Quaderns de Psicologia*, v. 27, n. 2, p. e2174, 2025.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Nada sobre nós, sem nós*. Da integração à inclusão – Parte 1. Revista Nacional de Reabilitação, ano X, n. 57, p. 8-16, jul./ago. 2007.

WALKER, Nick. *Neuroqueer heresies*. notas sobre o paradigma da neurodiversidade, empoderamento autista e possibilidades pósnormais. Fort Worth, TX: Autonomous Press, LLC, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1bXZJdmF5jgGCTdNQdanUUlBTRLg0QnC/view>. Acesso em: 2 out. 2025.